



“O POVO REZAVA E EU APRENDIA”: PRÁTICAS EDUCATIVAS NO SABER-FAZER DE REZADEIRA¹

Rafael Nóbrega Araújo (1); Thiago Acácio Raposo (2); José Evanilson de Freitas Lima (3);
Patrícia Cristina de Aragão (4)

(1) *Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: rafael.nobreg.araujo@gmail.com;*

(2) *Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: thiagoraposo20@gmail.com;*

(3) *Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: evanilson.freitas@hotmail.com;*

(4) *Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: cristina-aragao21@hotmail.com*

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar as práticas educativas presentes nas artes e saber-fazer de rezadeira, destacando o papel educativo no contexto escolarizado ao enfatizar a memória e a história de vida de praticantes de reza. Através de um saber-fazer construído na tradição oral das práticas de reza e cura, que assumem no cotidiano um caráter alternativo ao saber médico, dito oficial, a figura da rezadeira emerge enquanto representante do conhecimento popular adquirido na experiência de vida e encontra nas tessituras da memória e da oralidade uma forma de educar. Neste sentido, problematizamos a elaboração de práticas cotidianas a partir de uma operação de consumo, que se configura como uma alternativa a normatização do saber científico socialmente valorizado, buscando promover o reconhecimento de outras formas de saber. Tomamos como fonte os relatos orais de uma mulher rezadeira, analisados sob as contribuições da metodologia em História Oral. Conclui-se que os saberes e práticas de reza se apresentam com uma importante possibilidade para o ensino de História a partir do viés da História Cultural das Práticas Educativas.

Palavras-chave: Práticas de Reza, Saberes Educativos, Rezadeira, História Cultural.

INTRODUÇÃO

Como praticantes de um saber que ao sabor do tempo ganhou contornos, tecer uma narrativa sobre mulheres rezadeiras e suas práticas de cura como objetivo de estudo pressupõe a compreensão da emergência de novos sujeitos históricos, que ganharam visibilidade propiciada pelo advento da Nova História Cultural. Tendo em vista este marco no campo da historiografia, houve a promoção de uma nova perspectiva teórico-metodológica que ampliou o leque de possibilidades do historiador em sua operação historiográfica.

Nesta perspectiva observa-se outra forma de os historiadores trabalharem com a cultural, conforme destacado por Peter Burke (2012). A Nova História Cultural não se trata, pois, de fazer uma História da Cultura ou uma História do pensamento, tampouco estudar o que se convencionou chamar de “Cultura Erudita”, mas enfatizar o termo “culturas”, no plural e em um sentido cada vez mais amplo, percebendo as múltiplas formas de expressão e tradução da realidade e suas formas simbólicas que os sujeitos produzem no seu cotidiano.

Para Roger Chartier (2015), a História Cultural se tornou um dos campos mais vigorosos e debatidos no âmbito histórico e, conforme suas diferentes heranças e tradições,

¹ O presente artigo é uma adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em História de Rafael Nóbrega Araújo (2017) que teve como orientadora a Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão. (83) 3322.3222
contato@coprecis.com.br



privilegiou objetos e métodos distintos. Ocorre, então, que se transferiu o foco historiográfico do papel de produção dos bens culturais pelos grupos produtores para ter-se uma percepção da maneira pela qual os grupos consumidores operam através de suas práticas (maneira de fazer) e consumir determinados “bens culturais”, possibilitando “considerar esses bens não apenas como dados a partir dos quais se pode estabelecer os quadros estatísticos de sua circulação ou bem como o repertório com o qual os usuários procedem a operações próprias” (CERTEAU, 2009, p. 88).

Dentro deste contexto teórico-conceitual, delimitamos o território da discussão de nossa pesquisa, pois, ao longo deste trabalho nosso foco reflexivo é o saber-fazer educativo presente nas práticas de reza e cura a partir das memórias de mulheres rezadeiras, que tomamos como referência nesta pesquisa, assim como os conhecimentos de uma rezadeira da cidade de Campina Grande – PB. Ainda na ocasião procuramos perceber como o saber desta mulher possui uma conotação educativa e significância no cotidiano da comunidade em que vive.

Compreendemos que este saber, elaborado a partir de suas práticas de reza transmitidas intergeracionalmente, encontra-se representado no imaginário social conferindo-lhe o poder de cura e o reconhecimento do seu papel na comunidade em que desenvolve o seu ofício. Ressaltamos que estes conhecimentos produzidos, se trabalhados como meio de aprendizagem, ao serem reconhecidos e inclusos no contexto escolarizado através do currículo, permitem que na escola os/as alunos/as tenham acesso a outro modo de educar e ensinar o saber histórico escolar, oriundo de uma tradição oral intergeracional com base no saber da experiência de vida de rezadeiras.

Como objetivo geral, propomos analisar as práticas das rezadeiras e o seu saber-fazer cotidiano a partir do diálogo intercultural com o ensino de história. Como objetivos específicos, buscamos mostrar como no contexto da História Cultural das Práticas Educativas, a prática das rezadeiras propicia a interface de saberes entre o conhecimento adquirido na experiência cotidiana destas mulheres e o saber histórico escolar. Identificando, através da narrativa de memória de rezadeira, o seu percurso de história de vida, assim como a relação deste com suas práticas de reza e discutir sobre a importância de sua inserção no currículo escolar.

Percebemos que o ser humano se traduz de diversas formas, e a tradição humana no cultural pode ser visualizada através de práticas que são invisibilizadas no contexto educacional, mas que na vida cotidiana ganham cores,

sentidos e significados. Deste modo, se torna importante perceber como a memória de rezadeiras e as histórias de vida que elas podem contar através de suas práticas, humanizam o sentido, não apenas da cultura, mas o próprio cotidiano, e podem estabelecer uma interface com o universo escolarizado.

METODOLOGIA

Como meio de conhecer o saber-fazer das rezadeiras presentes nas suas práticas de reza, suas memórias e suas histórias de vida, desvelando sua conotação educativa, nos utilizamos a História Oral como instrumento de sondagem das experiências que figuram em texto. A metodologia em História Oral assume neste estudo um papel fundante, pois através dela se pode ouvir o Outro, oportunizando conhecer e se aprofundar em suas particularidades, valorizando as experiências de vida individuais e singulares.

Desse modo, se constitui, portanto, em um estudo de caráter qualitativo que tomamos como evidência o depoimento de Dona Judite, agricultora aposentada de 77 anos e rezadeira há mais de cinquenta, que conheceu as artes e práticas de reza através dos laços familiares. Cujo saber-fazer se desenvolveu ainda em sua meninice ao ver as “velhinhas” rezadeiras.

Como a prática da medicina oficial não era um privilégio do qual gozava a maioria da população paraibana na metade do vigésimo século, a figura de rezadeiras e benzedoras como praticantes de uma medicina popular emergiu como possibilidade de amenizar os males do corpo (e da alma). Foi através da observação do ofício destas praticantes que Dona Judite aprendeu este saber-fazer intergeracional e desenvolve até hoje suas práticas de reza e cura.

Caçula de uma família de 10 filhos, Dona Judite e seu irmão Juraci são os últimos repositórios de memória deste saber-fazer advindo da tradição familiar. Portanto, suas memórias remanescentes portam a história de gerações de sua família. Compreendemos assim, que as fontes orais permitem problematizar a constituição da memória como “principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis [...] dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças” (DELGADO, 2010, p. 16).

O trabalho com esta fonte trata-se de uma operação que envolve sinais exteriores que são referências e estímulos para o afloramento de lembranças e recordações individuais que, segundo Maurice Halbwachs (2003), se relaciona com os quadros sociais da memória. Portanto, os relatos orais devem ser entendidos enquanto fontes cujas singularidades devem ser respeitadas, pois permitem revelar a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos.



O trato com esta fonte parte de uma operação de sensibilidade que envolve perceber que “o tempo da memória se distingue da temporalidade histórica, haja vista que sua construção está associada ao vivido, como dimensão de uma elaboração da subjetividade coletiva e individual” (MONTENEGRO, 2013, p. 20). Desta forma, entendo os relatos orais enquanto fontes cujo caráter singular deve ser percebido como legítimo para a construção da escrita historiográfica que permite, através da colaboração do processo de rememoração, refletir sobre as práticas enquanto educativas e reconhecer a importância destas histórias de vida.

O depoimento oral aqui utilizado se constituiu como a principal fonte e recurso metodológico, na tentativa de compreender o universo da rezadeira, suas práticas culturais e seu saber-fazer intergeracional. Advogando a ideia que as memórias dessa mulher se encontram acumuladas as suas experiências de vida, procuramos neste estudo, reproduzir as falas da depoente tal como foram narradas, no intuito de apontar para a originalidade do discurso como nítida expressão de uma categoria de mulheres podadas de adentrar no universo da escrita. Reconhecendo, contudo, a limitação decorrente da transcrição dos depoimentos, visto que existem gestos e sons que a linguagem escrita não foi capaz de dar conta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Finado Bastião de Biu Bezerra que me ensinou picada de cobra; dor de dente foi um rapaz de Pedra D'água e vermelhão foi a finada Flora, tia do finado Chico. O povo rezava e eu aprendia. Eu tinha uma cabeça boa graças à Deus, eu tinha uma cabeça boa quando era nova, bastava dizer umas três vezes e eu aprendia.²

Através de suas lembranças, Dona Judite interliga os processos da memória, tempo e história. Como uma dança ao sabor do tempo, essa rezadeira vai transcendendo tempo e espaço na sua prática, mostrando que o saber-fazer na tradição do conhecimento da reza e da benção adquirem no contexto da sua vida uma espécie de modelar conhecimentos que vem sendo passados intergeracionalmente.

Deste modo, Dona Judite traz na tradição oral do cariri paraibano um saber prático de reza e cura que desenvolve uma operação de vida pelo conhecimento religioso e fitoterápico, no qual o conhecimento destas mulheres é, ao mesmo tempo, um alento para a alma e,

² Trecho de entrevista realizada com “Dona Judite”, no município de Barra de Santana, em 25 de janeiro de 2015. Atualmente, Dona Judite conta com 77 anos de idade e reside na cidade de Campina Grande. (83) 3322-3222 contato@coprecis.com.br



também, para o corpo. Poderíamos decifrar a atitude de Dona Judite como humanizadora na relação com o coletivo, de um saber médico popular que se interliga com o outro através de uma alteridade que respeita a dimensão de qualquer pessoa no contexto de suas rezas. Conforme pode ser salientado em seu depoimento “eu não me nego de rezar ninguém, se vier atrás de mim para rezar [...] aí diz “melhorou”. Graças à Deus! Fico com prazer de ver melhorar”³.

Na sabença popular a reza tem um significado para a espiritualidade e para o bem-estar do ser humano. Este conhecimento que é produzido na tradição milenar das rezadeiras desde os oráculos da antiguidade às sacerdotisas, mulheres que tinham conhecimentos das orações, das ervas, adquiriram no percurso da história um significado e um significante.

Pensando nesta perspectiva, a personagem que faz parte das tramas e enredos do nosso estudo é uma rezadeira, cujas práticas, como uma arte, vêm se desenvolvendo desde a sua meninice. Dona Judite nascida em 8 de junho de 1940 no município de Cabeceiras⁴ é a caçula de uma família de 11 filhos, dos quais hoje estão vivos apenas ela e o irmão Juraci, que foram gerados da união de Ana Herculana do Espírito Santo e Filomeno Agostinho de Araújo.

Para ajudar a família no roçado começou a pegar na enxada desde os 5 anos de idade, aposentou-se como agricultora no município de Barra de Santana, mas somente aos 76 anos abandonou a atividade de criadora de animais no sítio Torres, localizado no mesmo município, para dedicar-se a cuidar da saúde, vindo a morar na cidade de Campina Grande desde 2016. Casou-se aos 17 anos com Francisco Rodrigues de Freitas (o finado Chico), com quem teve 10 filhos, dos quais 9 ainda estão vivos. Aos 19 foi mãe pela primeira vez.

Devota de Nossa Senhora Aparecida e Santa Luzia, seu contato com a reza se deu no seio familiar, de tradição católica. Sua avó materna, que ela não chegou a conhecer, Herculana Maria da Conceição era rezadeira, que por sua vez transmitiu o saber à sua mãe. Aos 10 anos, sofreu um acidente doméstico aonde uma chaleira contendo chá fervente foi derramado sobre sua perna e pés. Desde então, ao observar o ofício de mulheres rezadeiras que iam rezá-la em casa começou a aprender e desenvolver suas práticas de reza e cura.

Por meio do processo mnemônico, ela tece uma narrativa sobre sua prática de reza recordando seu aprendizado, quem lhe transmitiu alguns desses saberes, quais tipos de reza e

³ Trecho de entrevista realizada com “Dona Judite”, no município de Barra de Santana, em 25 de janeiro de 2015. Atualmente, Dona Judite conta com 77 anos de idade e reside na cidade de Campina Grande.

⁴ No ano de 1959 o município de Boqueirão (ainda sob o nome de Carnoió, visto que só seria assim chamado em 1961) adquiriu emancipação administrativa em relação à Cabeceiras através da lei estadual nº 2078 de 30 de abril do referido ano. Barra de Santana, o município em que Dona Judite residia à época da entrevista, pertencia ao distrito Bodocongó do município de Boqueirão, somente com a lei estadual nº 5925 de 29 de abril de 1994, foi desmembrado de Boqueirão e instalado como cidade em 1 de janeiro de 1997.

suas implicações práticas e como ela aprendia (de ouvido). Essa tessitura traz consigo uma chave interpretativa para compreender a “transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades”⁵.

Sua memória nutre igualmente a recordação das tradições. No sentido apontado por Paul Ricoeur (1997, p. 381), citado por Delgado (2010, p.17): “entendemos por tradições as coisas ditas no passado e transmitidas até nós por uma cadeia de interpretações”. A esse respeito compreendemos que a questão da tradição assume, então, um papel fundamental na problematização deste trabalho, uma vez que as práticas de reza constituem-se enquanto um saber adquirido pela tradição oral.

Neste sentido, cabe-se refletir em torno da concepção de tradição e, para tal, as contribuições teóricas de Eric Hobsbawm (2015) são fundamentais. Para o historiador britânico, a tradição se constitui enquanto um conjunto de práticas inventadas a partir de um sentido ritual e simbólico e legitimada por regras, valores, normas sociais, segundo a hierarquia em vigor numa determinada configuração social⁶. Deste modo, a tradição como um conjunto de práticas tem a capacidade de interiorizar comportamentos, visões de mundo e hábitos através da repetição de um ritual. Ora, o universo das práticas de reza gira em torno da questão da tradição, uma vez que se sustenta por meio da repetição, e a transmissão destes saberes se dá através de ritualização destes saberes por meio de práticas.

Portanto, memória e oralidade encontram-se intimamente ligados ao ofício da reza, o que revela um importante aspecto sociocultural em torno desse universo. Como observado por Cristiane Pimentel (2007), as fórmulas das rezas e as orações seguem um sentido que facilita a memorização e transmissão por parte das rezadeiras, uma vez que grande parte destas mulheres possui baixa escolaridade, o que impossibilita muitas vezes o registro das rezas de maneira escrita. Muito disto se deve ao fato de que o desenvolvimento destas práticas de reza terem surgido em zonas rurais e que foram, historicamente, negligenciadas de serviços básicos essenciais, como saúde e educação.

⁵ Delgado (2010) ao analisar a importante relação estabelecida entre memória e história como constituinte da metodologia em História Oral, enfatiza que os depoimentos orais ao utilizar a memória como um substrato se torna um processo vivo, renovável e dinâmico, visto que pode ser enriquecido pelos estímulos no presente. Estabelece-se, dessa forma, um diálogo vivo entre diferentes temporalidades. Ver: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

⁶ Deve-se, contudo, destacar que Hobsbawm discute a concepção de “Tradições Inventadas” com um enfoque diferente do que nos apropriamos neste trabalho, aonde o autor busca compreender como o processo de construção e estabelecimento da legitimidade dos estados, a partir de uma formalização de práticas oficialmente instituídas e planejadas. Cf.: HOBBSAWM, Eric. "Introdução: A Invenção das Tradições". In: HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**; tradução de Celina Cardim Cavalcante, 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015, pp. 9 – 11.



A memória de Dona Judite revela essa realidade, pois quando era criança, ao brincar, uma chaleira contendo chá fervente virou e derramou o líquido sobre os membros inferiores. Impossibilitada de caminhar com queimaduras nos membros inferiores, recebia visitas periódicas de rezadeiras e na medida em que presenciava o ato da reza, aprendeu o ofício. “Via o povo rezando, aí aprendi”. Rosana do Nascimento Melo (2016) destaca que

Os curandeiros utilizavam em suas habilidades de cura, plantas, ervas e rezas, bem como outros conhecimentos médicos/ naturais necessários às formas de tratamento dos males existentes que tanto assolavam a população. Boa parte da população local via com respeito a oportunidade de se consultarem com esses práticos, visto que o grande contingente populacional da época não possuía condições de se consultarem com diplomados em medicina (p. 13).

A situação apontada pela autora pode ser percebida através das memórias no depoimento de Dona Judite, aonde revela os casos de pessoas que foram curadas por meio de suas práticas de reza e saber médico popular:

Uma vez [...] chegou Miguel de Toinho lá aleijado. Levou uma queda do cavalo, pra eu rezar. Pronto, aí eu rezo desmentidura encarcando. Quando eu encarquei a junta dele - ele não andava não! Aí ele disse: “Aaaai, a senhora pensa que não dói, não?” “Eu sei que dói meu filho, mas eu só rezo assim.” Aí quando ele saiu já saiu pisando, graças a Deus ficou bom, foi. [...] Sim, dor de dente. Manoel de Adáfi era feiticeiro, que era dono de um terreiro ali. Aí um dia cheguei lá. “Cumadi reze esse dente. Eu não aguento essa dor de dente.” Eu disse “Cumpadi eu vou rezar, mas se for estalecido⁷ não passa não.” “Reze assim mesmo.” Rezei e ele ficou bom.⁸

Pensar em torno da figura da rezadeira em meados do século XX conduz-nos a refletirmos em torno da representação que estas mulheres passam a adquirir, enquanto principal alternativa aos enfermos. Por se desenvolver geralmente em lugares aonde a prática de medicina “oficial” era negligenciada, o saber-fazer da rezadeira emerge como alternativa através de práticas de reza e cura advindas da sabedoria popular.

Aqui, a noção de prática deve ser entendida não apenas em relação às instâncias oficiais de produção cultural (BARROS, 2011, p. 46), mas como sendo os modos de fazer em uma dada sociedade. Tal concepção ganha profundidade a partir das ricas contribuições de Michel de Certeau (2009) quando o autor desloca a chave interpretativa para compreender a questão da cultura da produção dos objetos culturais para o momento do consumo pelos usuários. Estes fazem outra *produção*, qualificada por Certeau como “consumo”, aonde denota uma maneira de *fazer com* que “não se faz notar com produtos próprios, mas *nas*

⁷ A rezadeira explica que estalecido é quando o dente está inflamado e não basta a reza para curá-lo. Todavia caso a dor se deva à cárie (que ela chama de “bicho que rói o dente”) basta a rezá-lo que a dor para, pois, de acordo com sua crença, Deus vai tirar o “bicho” do dente.

⁸ Trecho de entrevista realizada com “Dona Judite”, no município de Barra de Santana, em 25 de janeiro de 2015. Atualmente, Dona Judite conta com 77 anos de idade e reside na cidade de Campina Grande. contato@coprecis.com.br



maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (CERTEAU, 2009, p. 39).

Além disso, a noção de *prática* atua como um elemento fomentador de identidades. Certeau (2011), ao analisar as práticas religiosas nos séculos XVII e XVIII na França⁹ e ao focalizar “em gestos particulares”, revela que “tudo se concentra nas práticas. Através delas um grupo religioso provoca sua coesão. [...] recebe delas uma segurança que as próprias crenças dão cada vez menos” (CERTEAU, 2011, pp. 172-3). Desse modo, as práticas de reza adquirem um papel decisivo que serve para balizar a fé dentro das comunidades de reza, uma vez que quem pratica a reza adquire autoridade e reconhecimento para “curar”, “sasar” e “benzer” toda a sorte de males.

Podemos perceber através do relato de Dona Judite como o ofício que a mesma desenvolve tem um papel social dentro da comunidade em que atua no papel de curar males de ordem corporal, se constituindo como uma médica popular legitimada pela autoridade dos saberes da tradição.

Emanuel Nildivan Fonseca e colaboradores (2007), em um trabalho intitulado *Plantas medicinais: remédios caseiros e benzeção utilizados no cuidado à criança*¹⁰, desenvolveram um estudo sobre as práticas da medicina tradicional por parte de pessoas “leigas”, isto é, não ligadas à medicina dita oficial e que apresentam estreitos laços com a religiosidade na cidade de Uiraúna-PB. Nesse estudo, são levantados experimentos que buscaram verificar as informações e conhecimentos repassados através dos séculos, tendo em vista a descoberta de novos medicamentos a partir do conhecimento fitoterápico encontrado nos saberes populares da tradição, que são adquiridos durante muitos anos e transmitidos através das gerações.

Além disso, a rezadeira dispõe de vários artifícios e estratégias do saber popular, como conhecimentos sobre plantas, banhos, chás, simpatias, dentre outras (FONSECA *et al.*, 2007). Este tipo de conhecimento, quando trabalhado na escola, permite a integração do currículo escolar com os saberes das rezadeiras, possibilitando assim ensinar História através das práticas de reza desenvolvidas por essas mulheres. Portanto, conforme pode ser percebido, os saberes advindos das práticas de reza e cura são portadores de um vasto conhecimento acerca

⁹ CERTEAU, Michel de. “A formalidade das práticas: do sistema religioso à ética das luzes (XVII-XVIII)”. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

¹⁰ FONSECA, E. N. R.; SÁ, Lenilde Duarte; STORNI, Maria Otília Telles; LOPES, Ana Maria Cavalcanti; BARRETO, Anne Jacquelyne Roque. “Plantas Medicinais: remédios caseiros e benzeção utilizados no cuidado à criança”. In. MIELE, Neide. (Org.). **Religiões: Múltiplos territórios**. João Pessoa: Editora Universitária - UEPB, 2007. (85) 3322.3222

da cultura popular e podem, dentro do currículo escolar, oferecer possibilidades para conhecer mais de perto a tradição e a cultura.

As práticas de reza constituem-se, portanto, em uma maneira “não-oficial” de expressão do catolicismo, uma vez que o Concílio Vaticano II dispõe de outro posicionamento e percepção da Instituição Católica sobre a existência do catolicismo popular. Além disso, os saberes advindos da prática de reza transmitidos intergeracionalmente assumem um caráter alternativo ao saber médico dito oficial quando tais práticas de cura acabam se tornando a principal busca para tratar os males pelos quais são acometidos os enfermos. “Na Paraíba, bem como em todo o Nordeste do Brasil, foram numerosos os casos de curandeiros, parteiras, benzedeadas, homeopatas, farmacêuticos e charlatões que se dedicaram a arte de curar em tempos que médico era artigo raro” (MELO, 2016, p. 26).

Dona Judite é o caso de um destes práticos, cujo saber-fazer denota uma prática educativa através da oralidade. No entanto, o saber histórico escolar não valoriza e/ou pouco reconhece estes saberes advindos da prática cotidiana de um saber-fazer intergeracional transmitido através da oralidade. Visto que, segundo Vera Candau (2014), a escola atua como principal instituição reprodutora da modernidade e de um discurso normatizador, segundo o qual reforça uma “monocultura de saber” que apenas reconhece e valoriza o saber científico, dito oficial e socialmente valorizado.

De acordo com Ricardo de Aguiar Pacheco (2010), diversos intelectuais ligados à educação tem dado densidade às questões de uma escola e de um currículo, que dialogue com as demandas de uma sociedade que se democratiza. O autor compreende que a disciplina escolar História, enquanto campo do conhecimento voltado para as relações sociais deve estar comprometido com a formação do cidadão. Neste sentido, deve operar com habilidades técnicas, afim de que se interprete a realidade social através de conceitos, mas destaca também uma ordem de saberes complementares ao saber do currículo escolar oficial e socialmente valorizado, que se trata de informações históricas referentes à experiência das comunidades no tempo.

Michel Foucault (2013, pp. 147 - 148) aponta para o fenômeno de normalização das práticas e do saber médicos que nasce na Alemanha em meados do século XVIII e procura estabelecer normas e padrões para a emergente medicina da época. Tal processo de normalização constitui-se dentro de uma relação de saber-poder que contribui para estabelecer e legitimar um discurso, um saber. O saber moderno, portanto, científico, arroga-se de uma autoridade de um poder legitimador do Estado: tudo o



que não reconhece ou não legitima é declarado inexistente.

A questão do saber em Foucault está essencialmente ligada à questão do poder, na medida em que através do discurso da racionalidade, isto é, a separação entre o científico e o não-científico, entre o racional e o não-racional, o normal e o anormal¹¹. Então, ao estudar as articulações entre poder e saber, Foucault descobriu que os saberes se engendram e organizam para “atender” a uma vontade de poder (VEIGA-NETO, 2003, p. 141). Conforme coloca Foucault (1996, p. 44), “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

O diálogo com os saberes advindos da experiência e da tradição, conforme o saber-fazer presente práticas de reza e cura de Dona Judite, se apresenta como uma possibilidade para romper com o “monoculturalismo”, constatar a incompletude de todos os saberes e por este motivo empreender uma “ecologia de saberes”, ou seja, dialogar com os saberes de dentro e fora da escola, permitindo o reconhecimento e valorização destas práticas educativas.

CONCLUSÕES

As práticas das rezadeiras que fazem parte da tradição social e cultural brasileira, do conhecimento do povo brasileiro e que, no entanto, a escola ainda não reconheceu como saber importante de ser inserido no currículo. Neste sentido, destacamos neste trabalho a possibilidade de um currículo intercultural, abrindo espaço para o diálogo de saberes, como o da rezadeira, que estão fora da escola e o saber histórico escolar. Neste texto, não nos detemos na discussão do currículo do ponto de vista conceitual, uma vez que não foi o viés que tomamos em nosso trabalho.

Ressaltamos a importância do reconhecimento dos saberes advindos da experiência cotidiana presentes nas práticas de reza e cura de Dona Judite, bem como das rezadeiras de modo geral, enquanto possibilidade para o ensino de história a partir da perspectiva intercultural. No espaço deste trabalho, procuramos problematizar à luz da História Cultural das Práticas Educativas como os saberes considerados não formais podem educar.

No decorrer deste estudo, analisamos as práticas educativas no saber-fazer da rezadeira, de que modo as práticas da rezadeira, sua história de vida e memória são educativas e dialogam com o ensino de história. Ser rezadeira consiste numa arte que busca, por meio de uma sabedoria milenar, medicar o corpo (e também a alma) através de sua prática e que

¹¹ Sobre essa discussão ver o verbete “Saber” em: REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2003. 183p. 3322.3222
contato@coprecis.com.br



encontra na oralidade uma forma de transmitir estes saberes da experiência cotidiana que podem estabelecer um diálogo com o cenário escolar.

Apesar de não serem reconhecidos pelo currículo formal, os saberes da rezadeira se constituem, sim, como uma forma de educar, mas que dentro de um universo escolar que valoriza o saber escrito, não encontra eco para educar através da oralidade. Portanto, deve ser reconhecida como possibilidade para ensinar história dentro de uma perspectiva intercultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**; tradução Sergio Goes de Paula. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANDAU, Vera Maria. “Educação intercultural: entre afirmações e desafios”. In: MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria. (orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis: Vozes, 2014a

CERTEAU, Michel de. “A formalidade das práticas: do sistema religioso à ética das luzes (XVII-XVIII)”. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer; tradução Ephraim Ferreira Alves. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. “Do social ao cultural” In: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**; tradução de Cristina Antunes. 2 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FONSECA, E. N. R.; SÁ, Lenilde Duarte; STORNI, Maria Otília Telles; LOPES, Ana Maria Cavalcanti; BARRETO, Anne Jacquelyne Roque. “Plantas Medicinais: remédios caseiros e benzeção utilizados no cuidado à criança”. In: MIELE, Neide. (Org.). **Religiões**: Múltiplos territórios. João Pessoa: Editora Universitária. UFPB, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**; tradução de L. F. de A. Sampaio. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.



HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOBSBAWM, Eric. "Introdução: A Invenção das Tradições". In: HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**; tradução de Celina Cardim Cavalcante. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MELO, Rosana do Nascimento Gomes. **As Assombrosas Curas da Lymfoterapia**: José Fábio de Lyra e as vacinas feitas com a "seiva da vida". TCC (Graduação em História). Campus III, UEPB/ Centro de Humanidades: Guarabira, 2013.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6 ed. 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Os saberes da história**: elementos para um currículo escolar contemporâneo. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 759-776.

PIMENTEL, Cristiane Maria Sales. **Rezadeiras, uma fé popular**. OPSIS, vol. 7, n. 8, jan-jun 2007.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.